



**18º Congresso de Iniciação Científica**

**GESTÃO SUSTENTÁVEL NO PROCESSO PRODUTIVO NAS MPES POR MEIO DA LOGÍSTICA REVERSA**

**Autor(es)**

---

MARCONDES ANTONIO DE SOUZA

**Orientador(es)**

---

FERNANDA COVOLAN

**1. Introdução**

---

Este trabalho é um breve apanhado das primeiras considerações elaboradas dentro da pesquisa sobre o tema “A Gestão sustentável na produção por meio da logística reversa”, sendo que nesta primeira fase está sendo realizada uma revisão bibliográfica para o embasamento teórico necessário à pesquisa de campo, a ser realizada posteriormente.

A questão que se coloca o autor consiste na relevância da logística reversa como modo de realização da função social da empresa, conforme teorização jurídica, nominadas nas teorias administrativas mais frequentemente como “desenvolvimento sustentável”.

Importa esclarecer ainda, para fins de compreensão do caminho teórico seguido, que a presente pesquisa esta enquadrada em uma linha de pesquisa interdisciplinar, que se utiliza de recursos teóricos e humanos das áreas do Direito e da Administração.

Nesta perspectiva, a pesquisa se volta para a área de produção propriamente dita, a qual “representa a identidade da empresa” (SLACK 2008, p. 32). Assim, com os olhos postos na questão da sustentabilidade, surge à necessidade de que as empresas compreendam mais profundamente a questão dos impactos causados pela produção de seus produtos. Com estas questões amplamente discutidas pelos meios de comunicação, ficou mais fácil tratar da Produção Mais Limpa (PML), onde se contextualiza a logística reversa, que hoje passa a ser um diferencial para as empresas.

Veja-se que as pequenas empresas, segundo o SEBRAE (2006), representam 98% das empresas brasileiras, e embora seu impacto econômico seja mais disperso, sua relevância social é inegável, como reconhece a própria Constituição Federal de 1.988 nos artigos 170 e 179.

Neste sentido, a proposta do presente trabalho é refletir no surgimento histórico da função social da empresa, bem como o lugar da sustentabilidade – especificamente da logística reversa, entendida em sentido mais amplo como sendo “todas as operações relacionadas com a reutilização dos produtos e materiais” (DAHER et al 2006 p. 59).

Para o embasamento teórico, seguiram-se idéias de diversos autores, entre os quais se destacam Savitz, Comparato, Dias, Daher, Filho e Scsú.

**2. Objetivos**

---

No que respeita ao presente trabalho, deseja-se, por meio da análise bibliográfica, construir o embasamento teórico para as pesquisas de campo que se seguirão, o que se faz debruçando-se sobre os fundamentos da sustentabilidade e sua ligação com as áreas de negócio desde a revolução industrial, bem como explicar a importância da compreensão da função social da empresa e da propriedade (produtos e outros elementos) como sendo característica de empresas que se apoiam na abordagem sistêmica, e finalmente analisar a

questão da produção mais limpa como opção estratégica no contexto da questão ambiental, por meio da logística reversa.

### 3. Desenvolvimento

---

#### Definição da sustentabilidade dentro das organizações

A sustentabilidade nos negócios, resumidamente, deseja a promoção do crescimento de suas economias, sem destruir o meio ambiente ou sacrificar o bem-estar das futuras gerações. Sendo um conceito recente, pode-se dizer que a idéia de sustentabilidade já permeava a gestão das empresas, mas anteriormente estava ligada a ações isoladas e a questões específicas, que pendiam mais para a responsabilidade da empresa junto a seus funcionários e a comunidade adjacente. A dificuldade em estabelecer os pontos centrais definidores da prática sustentável tem feito com que, nos estudos relacionados a esta área, não haja a devida coerência e conexão, sendo mais baseados em práticas isoladas. Savitz e Weber (2007, p.2, 47)

No entanto, para melhor compreender essas dificuldades do mundo pós-moderno, convém refletir sobre o processo histórico referente à utilização dos meios de produção.

#### O meio ambiente e revolução industrial

Dias (2003, p. 186) define o desenvolvimento do trabalho como “uma atividade desenvolvida pela espécie humana para modificar a natureza e adaptá-la para a satisfação de suas necessidades”. Diferente dos animais que atuam de forma instintiva sobre a natureza, os homens, de maneira consciente e proposital, organizam-se e dividem as funções para o alcance dos seus objetivos, fazendo com que a sua capacidade de trabalho aumente e, conseqüentemente, cresçam os impactos no ambiente natural produzidos pelo homem” (DIAS 2003, p. 186).

Considerando um marco histórico da relação do homem com o trabalho, em face das profundas modificações sócio-econômicas, a Revolução Industrial, se espalhou rapidamente pelo globo, pregando a melhoria na qualidade de vida das pessoas. Porém este crescimento se deu de forma desordenada, em que se “utilizavam grandes quantidades de energia e de recursos naturais, que acabaram por configurar um quadro de degradação contínua do meio ambiente”. (DIAS 2003, p. 188).

Assim, com todo este crescimento populacional e econômico, os problemas ambientais já existentes começaram a aflorar e, os impactos da ação do homem foram inicialmente sentidos nos países desenvolvidos.

No entanto só recentemente as preocupações com o impacto social tornaram-se mais relevantes para a comunidade de negócios, sendo 1968 um momento de destaque quando Rachel Carson publicou seu livro *Silent Spring* (Primavera Silenciosa). Neste livro ela expôs os problemas relacionados aos pesticidas, principalmente o DDT, que foi alvo de seus estudos durante 17 anos. A esta publicação se seguiu, uma forte oposição por parte dos agricultores, afirmando que a produção de alimentos cairia cerca de 90%, e como resposta ela apontou os controles biológicos para combater os parasitas. Neste ponto tanto Savitz e Weber (2007 p.51) como Dias (2003, p.189) concordam que Rachel seria a precursora deste movimento. Além dela destacou-se ainda Ralph Nader, advogado pioneiro na luta pelos direitos do consumidor, através da defesa de veículos mais seguros em 1965 no EUA.(SAVITZ e WEBER 2007 p. 52).

Para a efetividade da mudança prenunciada, a presença do “perfil do gestor”, é crucial no direcionamento da empresa, e de modo geral os líderes estão reconhecendo a necessidade de “criar organizações capazes de sobreviver e prosperar não apenas por um ou dois trimestres, mas durante décadas e gerações” (SAVITZ e WEBER 2007, p. 70). Os problemas ambientais estão sendo sentidos por essa nova geração de gestores e diretores financeiros que passam a compreender as demandas atuais por sustentabilidade.

#### O reconhecimento da função social e de propriedade da empresa

O conceito de função social se desenvolve no sistema capitalista, onde se tem verificado uma mudança na estrutura econômica, por meio dos empréstimos, financiamentos, criação de papéis comerciais e dos títulos-valores.

Foi a partir da revolução industrial que ocorreram maiores modificações e, de acordo com Comparato (1986, p. 63), “toda a vida social” agora era orientada para a produção e distribuição de serviços visando a uma maior padronização do consumo e do atendimento da massa.

A fim de distinguir estes bens de produção, o Direito passa a classificá-los em bens de produção e bens de consumo. A realidade é que o objeto de produção pode representar ambos os papéis, pois esta definição não se “fundamenta na sua natureza ou consistência mais na destinação” (COMPARATO 1986, p. 73). Quando o bem esta sendo utilizado na produção do produto como insumo este passa a ser bem de produção, quando nas mãos do consumidor final passa a ser de bem de consumo.

Assim a função social só cabe a empresa quando esta é considerada com um sistema aberto, ou seja, há uma dinâmica entre o meio ambiente composto pelos seus “stakeholders” e a organização. Nessa relação ocorre uma espécie de troca de influências da mesma forma que se observa em um ser vivo e dessa analogia surgem dois conceitos significativos para estudos no contexto da sustentabilidade, que seriam: interação e interdependência entre as diversas partes, isso proporciona sinergia de forma que “o todo é

maior que a soma das partes” (CHIAVENATTO 2003, p. 479).

#### 4. Resultado e Discussão

---

##### Produção mais limpa e logística reversa

A partir deste levantamento optou-se pela utilização da Produção Mais Limpa (PML) e da Logística Reversa, como sendo opções de tecnologias na área de produção que refletem esta mentalidade de responsabilidade provinda do conceito de função social abordado por Comparato (1986), e também das questões ambientais que vêm se avolumando e tomando cada vez mais espaço nos meios de comunicação.

Por isso PML é um conceito atual, das últimas décadas, que tomou forma no Brasil a partir da conferência RIO-92, decorrente da pressão internacional pela preservação dos ecos-sistemas. A PML é então definida como uma contínua aplicação de uma estratégia ambiental que promova uma ação de prevenção e integração entre os processos, buscando aumentar a entrega de produtos que possuam preços competitivos e contribuam para a qualidade de vida e reduza os riscos humanos e ao ambiente. (GONÇALVES e NASCIMENTO 1995, p.1).

Filho e Scsú (2003 p. 4) acrescentam que para a efetivação deste plano são necessárias algumas mudanças na matéria-prima, na tecnologia, no produto e na fabricação, utilizando de forma eficiente recursos como água, energia e outros.

Entretanto o que dizer dos produtos considerados obsoletos, danificados, estes que são descartados em aterros, incinerados de forma a prejudicar o meio ambiente? Foi então que partindo da compreensão do “ciclo de vida” do produto, consumidores conscientes quanto aos impactos ambientais nos países em que se possui uma legislação mais severa - como na Alemanha, “pioneira na legislação sobre os descartes do produto consumido” (DAHER et al, 2006 p. 61) -, têm levado fabricantes a se responsabilizarem por seus produtos após o consumo.

Para tanto se faz uso de uma nova tecnologia denominada de logística reversa, aceita como sendo o “procedimento inverso da logística” (DAHER et al 2006, p. 59, como a seguir se explica:

Logística é uma parte da cadeia de abastecimento que planeja, implementa e controla com eficácia o fluxo e a armazenagem dos bens, dos serviços e das informações entre o ponto da origem e o ponto de consumo destes itens, a fim de satisfazer todas as exigências dos consumidores em geral. (Associação Brasileira de Logística - ASLOG).

Esta tecnologia embora mais discutida atualmente, já tem sido aplicada de forma eficaz em indústrias também no Brasil, como engarrafadoras de Coca-Cola e do setor de alumínio, que se destacam pela representatividade do Brasil na reciclagem de latinhas, colocando a indústria deste setor entre os maiores recicladores de alumínio do mundo, afirma Daher et al (2006, p. 62). Contudo as discussões sobre a utilização da PML e da Logística Reversa ainda se apresentam incipientes, o que demandará mais estudo e pesquisa, inclusive pesquisa de campo.

#### 5. Considerações Finais

---

O tema Gestão Sustentável é interessante e inovador, partindo da premissa de que o planeta Terra esta passando por crises nos âmbitos sociais, climáticos, energéticos e escassez dos seus recursos naturais. Urge se preocupar com o bem estar das futuras gerações, como bem coloca Savitz (2006).

Entretanto, como conciliar preservação com o consumismo, lucro com a função social da empresa e da propriedade abordada por Comparato (1986), sendo que tanto a população como os gestores vivem no contexto capitalista de imediatismo, em que os produtos se tornam obsoletos rapidamente, aumentando o volume de descartes que afetam o meio ambiente?, (DAHER 2006).

Partindo desta problemática a pesquisa volta-se para a produção, pois o fabricante se vê responsável por seu produto até o ponto de consumo, o que difere do conceito de função social da propriedade, que estende a responsabilidade para todo o ciclo de vida do produto. Neste ponto a PML e a Logística Reversa apresentam-se como sendo tecnologias que, se bem aplicadas, podem proporcionar ganhos a empresa e promoção da sua imagem perante a sociedade.

Neste caso compreende-se que uma barreira a ser enfrentada é o dogma de que as pequenas empresas por serem carentes de informações, tecnologias avançadas e por possuírem um capital reduzido, não se tornam aplicáveis os conceitos abordados anteriormente, e que estes só são acessíveis para as grandes empresas. Porém através de maiores pesquisas pretende-se comprovar que a flexibilidade das pequenas empresas pode facilitar a aplicação destas tecnologias atuais que trazem diferenciação e maior lucratividade.

## Referências Bibliográficas

---

ASLOG – Associação Brasileira de Logística. Disponível em: <[http://www.aslog.org.br/novo/a\\_aslog.php](http://www.aslog.org.br/novo/a_aslog.php)>. Acesso em 14 set. 2010.

CHIAVENATO, Idalberto. Teoria Geral da Administração. 7 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003 p. 479.

COMPARATO, Fábio Konder . Função Social da Propriedade dos Bens de Produção. REVISTA DE DIREITO MERCANTIL, INDUSTRIAL, ECONOMICO E FINANCEIRO, v. 63, p. 71-79, 1986.

DAHER, C. E. et al. Logística Reversa: Oportunidade para a redução de custos através da cadeia integrada de valor. Brazilian Business Review – (BBR). Vitória-ES. Jan/jul 2006. 3 Vol. Num. 1. Disponível em: <[http://www.bbrronline.com.br/upld/trabalhos/pdf/32\\_pt.pdf](http://www.bbrronline.com.br/upld/trabalhos/pdf/32_pt.pdf)>. Acesso em 14 set. 2010.

DIAS, Reinaldo et Al. Introdução à administração da competitividade à sustentabilidade. 1ª Ed. São Paulo: Alínea, 2003. p. 186-195.

FILHO, J. C. G., SICSÚ. Produção Mais Limpa: uma ferramenta da gestão ambiental aplicada às empresas nacionais. XXIII Encontro Nac. de Eng. de Produção - Ouro Preto, MG, Brasil, 21 a 24 de out de 2003. Disponível em: <[http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2003\\_TR1005\\_0001.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2003_TR1005_0001.pdf)>. Acesso em 16 jun. 2010

GONÇALVES, R. B. e NASCIMENTO, L. F. Impacto da Aplicação de Técnicas da Produção Limpa: Caso Pigozzi. ENCONTRO NACIONAL DE UNIDO. SENAI – PORTO ALEGRE. 1995. Disponível em: <[http://www.simpep.feb.unesp.br/anais/anais\\_13/artigos/1214.pdf](http://www.simpep.feb.unesp.br/anais/anais_13/artigos/1214.pdf)>. Acesso 16 jun. 2010.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultura, 1998. 22 Vol. p. 5550.

SAVITZ, Andrew W. A empresa sustentável: O verdadeiro sucesso é o lucro com responsabilidade social e ambiental. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SEBRAE SP. Disponível em: <[http://www.sebraesp.com.br/conhecendo\\_mpe/mpe\\_numero/economia\\_brasileira](http://www.sebraesp.com.br/conhecendo_mpe/mpe_numero/economia_brasileira)>. Acesso em 30 ago. 2010.

SLACK, Nigel et ALL. Administração de Produção. 2ª Ed. São Paulo: Atlas. 2008, p. 32.